

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DO TOCANTINS - CAMPUS GURUPI  
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS**

**UEMESON DA SILVA RIBEIRO**

**GRAFITO: inserção no Centro de Ensino Médio de Gurupi**

**GURUPI - TO 2018**

**Uemeson da Silva Ribeiro**

**GRAFITO: inserção no Centro de Ensino Médio de Gurupi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

**Orientador:** Professor Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira.

**Coorientador:** Professor Me. Uagne Coelho Pereira.

Uemeson da Silva Ribeiro

## **GRAFITO: inserção no Centro de Ensino Médio de Gurupi**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Coordenação do Curso de Licenciatura em  
Artes Cênicas do Instituto Federal do  
Tocantins – campus Gurupi, como exigência  
à obtenção do grau de Licenciado em Artes  
Cênicas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### **BANCA AVALIADORA**

---

Profº. Me. Brenno Jadvas Soares  
Ferreira

Presidente

IFTO – *Campus* Gurupi

---

Profº. Me. Solange Cavalcante de  
Matos

Membro da Banca

IFTO – *Campus* Gurupi

---

Profº. Me. Uagne Coelho Pereira

Membro da Banca

IFTO – *Campus* Lagoa da Confusão

*Ao meu Senhor, que me trouxe  
sabedoria e ensinou-me pisar no lugar  
certo – de skate rumo à minha casa três  
períodos. Ao Pai, Filho e Espírito Santo  
que habita em mim.*

## **Agradecimentos**

Ao meu Senhor Jesus agradeço, por todos os dias até hoje, do primeiro ao terceiro período, que vinha de skate e vi que o vale das sombras não era nada para quem habita em sua presença e não deixa que a alma e a carne viva mais forte que o Espírito, como é citado em Gálatas: “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer.” (Cap 5:versículo 17)

Agradeço também aos meus pais, irmãos e todos que estão à minha direita. A todos que também estavam à minha esquerda, aos que estão à frente e admiro, também aos que não conseguiram chegar até este momento. Mando um Salve também para os manos que estavam comigo na caminhada e infelizmente não se encontram mais comigo - que Deus perdoe o que fizemos de errado e que nossas mentes não se esqueçam o quanto os admirei e os admirarei mais ainda.

Agradeço à minha tia, Isabel, meu tio, Bacó, e todos os que creram que eu podia chegar onde ainda irei chegar – humildemente agradeço a todos vocês e aos que não estão aqui citados também. Agradecido por tudo que passamos e vivemos. Elcimar, mano, tu me ensinou “tirar salto” e veja onde fui parar, obrigado Mano, esteja com Deus!

## SUMÁRIO

|                                                              |           |
|--------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                       | <b>9</b>  |
| <b>1. MEUS PRIMEIROS CONTATOS ARTÍSTICOS COM A ARTE.....</b> | <b>11</b> |
| <b>2. O QUE É GRAFITE.....</b>                               | <b>15</b> |
| 2.1. GRAFITE NOS ESTADOS UNIDOS.....                         | 17        |
| 2.2. O GRAFITE NO BRASIL.....                                | 21        |
| <b>3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>                  | <b>29</b> |
| 3.1. PESQUISA DE CAMPO.....                                  | 29        |
| 3.2. PESQUISA QUALITATIVA.....                               | 31        |
| 3.3. O CONTEXTO .....                                        | 31        |
| 3.4. O PIBID E SUAS POSSIBILIDADES.....                      | 33        |
| 3.5. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....                   | 34        |
| <b>4. PROCESSO DE CRIAÇÃO.....</b>                           | <b>35</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                          | <b>44</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS .....</b>                                  | <b>45</b> |

*Rm:* “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente?  
2 De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?

9 Pois sabemos que, tendo sido ressuscitado dos mortos, Cristo não pode morrer outra vez: a morte não tem mais domínio sobre ele.

*Bíblia Sagrada*

## RESUMO

Esta pesquisa trará um relato de experiência que foi vivenciado no Centro de Ensino Médio de Gurupi, com a atuação do discente do curso de Licenciatura em Artes Cênicas. Nesta atividade, o grafite (arte visual) foi utilizado como ferramenta no campo da Língua Portuguesa, criando imagens após a leitura e debate sobre o livro *Tribo cara baixa*, de Deusimar Pires. Essa pesquisa teve como objetivo a criação de imagens e fez parte das reflexões do texto trabalhado com os jovens, essa surgiu do desejo de conhecer um pouco mais sobre o contato dos alunos com o grafite, uma vez que tal arte faz parte de sua contemporaneidade, historicamente atual em suas vidas e que apresentará as experiências dessa relação com a modernidade tecnológica. Será abordada a concepção do que é grafite, abordando bases de pesquisas sobre essa arte no Brasil no livro de Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano, relatos e conceitos de Nicolaz Ganz do grafite no mundo como fato essencial para essa arte "não institucionalizada" adentre com suas bases teóricas no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Grafito. Desenho. Língua Portuguesa. Pichação. Escola.

## ABSTRACT

This research will bring an experience report that was experienced in the *Centro de Ensino Médio de Gurupi*, with the performance of the student of Degree in Performing Arts. In this activity, graphite (visual art) was used as a tool in the field of Portuguese Language, creating images after reading and debate about the book *Tribo cara baixa*, by Deusimar Pires. This research had as objective the creation of images and was part of the reflections of the text worked with young people, this one arose from the desire to know a little more about the students' contact with the graphite, since such art is part of its contemporaneity, historically current in their lives and that will present the experiences of this relationship with technological modernity. It will be approached the conception of what is graphite, approaching bases of research on this art in Brazil in the book of Janaina Rocha, Mirella Domenich and Patrícia Casseano, reports and concepts of Nicolaz Ganz of the graphite in the world as an essential fact for this "non-institutionalized" with its theoretical bases in the school environment.

Keywords: Graphite. Drawing. Portuguese language. Graffiti. School.



## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa se trata da análise de um relato de experiência apresentado à banca avaliadora de TCC <sup>1</sup>do curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi. O curso nos disponibiliza um grande acervo de informações teatrais onde podemos introduzir conhecimentos acerca de noções estéticas em apresentações, e atuar com essas noções de criação teatral em sala de aula, tanto do personagem quanto de figurino, do espaço cênico (como lidar com este também – fato essencial), teatro de sombra, bonecos etc.

Tudo isso foi muito bem aproveitado, mas esta pesquisa não se trata do decorrer no curso, mas da atuação de um de seus discentes em ambiente escolar, de suas experiências em sala, apresentando seus acertos, e porque não os seus erros também... Enfim, este processo foi parte de sua atuação no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de iniciação à Docência), que traz aos discentes de licenciatura, que irão atuar em sala de aula, um contato inicial com a docência, incentivando esses futuros educadores a compreender o processo educacional na prática em paralelo à formação acadêmica.

A pesquisa será apresentada agora com minhas falas enquanto pesquisador atuante, apresentando como foram minhas vivências artísticas, conceituando o estilo artístico trabalhado na pesquisa (o grafito), dentro e fora da sala de aula, por ter contido nessa experiência aulas fora da sala, de muros a bancos.

Na estrutura desse trabalho abordará um capítulo sobre meus contatos com a arte e a educação, pelo ponto de vista estudantil, mostrando de certa forma alguns pontos que acentuam o desejo da realização dessa pesquisa. Após isso será abordada a conceituação do grafite no mundo até a chegada ao Brasil, em seguida terá a apresentação de como foi à identificação dos procedimentos metodológicos como pesquisa qualitativa e outros pontos que vieram a ser importantes. Será introduzido o relato de como ocorreu a pesquisa e findando com o relato de como foi realizada no campo de estudo. Nessa pesquisa utilizei como base teórica o livro de Janaina Rocha, Mirella Domenich e Patrícia Casseano, e relatos do livro de Nicolaz Ganz,

---

<sup>1</sup> TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

“mundo do grafite” e o livro feito por Celso Gitahy que apresenta “o que é grafite”, e o contato com a cultura *hip hop* e todos os meios artísticos. É importante que o leitor se atente a uma diferença que foi; no falar da palavra “*graffiti*”(palavra de origem italiana), como é chamado em nossos cotidianos, sendo que esse vocábulo deverá ser dito corretamente pelo pesquisador apenas como o plural de “grafito”. Desse modo, a forma que utilizamos será pronunciada pelo pesquisador apenas nos momentos que necessitarem utilizá-la pluralizada para os que lerem essa pesquisa futuramente saibam utilizar corretamente o uso da palavra, uma forma de incentivar a linguagem correta ao pesquisar este estilo artístico.

## 1. MEUS PRIMEIROS CONTATOS COM A ARTE

Como se descobre que alguém tem habilidades artísticas? A arte vem do fundo do coração, da necessidade de chorar ou de expressar qualquer sentimento, mesmo que bom ou ruim. Neste instante, peço licença ao leitor para usar a primeira pessoa da linguagem e relatar a minha própria experiência para responder a pergunta realizada anteriormente.

Particularmente, o desejo de me expressar artisticamente começou na pintura de um desenho pronto de um patinho, cujo ideal estético da cor já vem previamente consolidado pelo senso comum. Em vista disso, minha experiência inicial com a arte já foi traumática e ao mesmo tempo questionadora, pois como a professora mandou pintar de amarelo, que é o "convencional", achei a imposição um empecilho para minha criatividade. Ao pegar aquele desenho, olhar e revisar cada linha naquela folha, via uma arte sem vida, 'quadrada' (pois era um desenho feito com linhas pretas, que independente da pintura, não iria sair bom, porque estas linhas não iriam ser coloridas – tornando-o estranho). Foi nesse momento que questionei aquela estética, impulsionando-me a tornar aquele desenho mais próximo da realidade; imaginei a mistura de cores com tons escuros e mais claros. Após isso, peguei os lápis de cor e vi as inúmeras possibilidades de mudar aquele cenário estático a que fui submetido.

Em resumo, essas experiências com a pintura na escola, mesmo impostas, me instigaram a fazer desenhos com noções muito acima do nível estético que estava presente nas obras de arte realizadas pelas outras crianças. Em minhas memórias, consigo extrair as diversas misturas de cores que já realizava, tentando buscar os diferentes efeitos de corpo e suas áreas de sombra no desenho pintado na folha A4. Infelizmente, meus esforços não eram reconhecidos pelas professoras, que não viam com bons olhos o fato de desobedecer às suas instruções impostas na hora de realizar as diferentes atividades de pintura.

Em meio a toda essa falta de expressão, confesso que parei de fazer qualquer tipo de arte por um determinado tempo, mas depois de muito observar os traços de tudo ao meu redor, as possibilidades de desenhar pessoas e os traços que diferenciavam fisicamente uma das outras, comecei a ter um olhar diferente para a arte. Além disso, comecei a perceber o movimento em

cada emoção, através do traço. Somado a isso, a minha história de vida, marcada por um contexto de violência doméstica também me impulsionou a desenhar todos os conflitos ao meu redor, especialmente os traumas que me apareciam em forma de sonhos.

Como forma de escapar da realidade dura na qual eu vivia também, passei a me envolver com outras formas de arte. Nesse período, o hip hop entrou em minha vida. O primeiro contato foi de forma bem exótica: certo dia uma mulher deu uns discos de vídeo para minha mãe e dentre estes havia um que se chamava *O mundo Hip Hop*, o que me levou a pegar uns passos de dança e também desenhar as letras que apareciam nas estampas das roupas dos dançarinos. Após a mudança de Serranópolis para Gurupi, comecei na pichação e com o tempo, fui conhecendo as estratégias de manuseio dos *sprays* por meio de diversos vídeos temáticos e tutoriais.

Como estavam muito presentes visualmente os apelidos/nomes que chamamos de *tag*<sup>2</sup>, como foi citado acima nas “regras” culturais apontadas por Janaina Rocha sobre a criação do nome artístico no grafite. Criei a minha com meu apelido e o número da minha quadra, pois haviam outros pichadores onde eu morava e para destacar dentre eles coloquei parte do endereço como afronta a tudo que os outros consideravam como radical. Nisso conhecendo o grafite comecei a imaginar esses traços bem feitos, com uma qualidade estética realmente, mesmo que só para ver se conseguia, e comecei a grafitar e pixar, até que certo dia continuei a fazer apenas os bombs (graffiti ilegais em locais abertos), com dificuldade financeira, mas aos poucos fui focando apenas no grafite.

A grafitação e a pichação sempre foram muito atrativas visualmente para mim desde a infância, e ao ver demonstrações dessa arte na televisão, enxergava uma coisa interessante esteticamente, que é a contorção das letras e os efeitos de movimentação por ela mostrados, algo que pude aperfeiçoar constantemente até me profissionalizar. A internet também tem proporcionado situações de informações bem significativas, o que possibilita aos novos artistas inventar suas próprias estratégias, arriscando-se com erros e acertos, situação comum nos primeiros graffiti esboçados por quem está começando ou aperfeiçoando os rabiscos. Na verdade, para um grafiteiro em fase de aprimoramento, há sempre a necessidade de criar ferramentas ou até mesmo de adequar as que já se tem misturando cores e utilizando outras ferramentas, como

---

<sup>2</sup> “[...] apropriação do tag (...) de pseudônimo (...) letras quebradas e garrafais para chamar a atenção(...) assinatura dos grafiteiros feita com marcador ou spray.” (ROCHA *et al.*, 2000, p. 98)

foi caso do grafiteiro Other, que utiliza giz pastel oleoso para fazer suas pinturas sem a respiração de gases e o peso das latas que o incomodavam.

Como parte desse relato memorialista, vale destacar também como foi meu primeiro contato com o grafite: certo dia Betânia, colega de curso me chamou para grafitar uma biblioteca na Escola Municipal Vila Nova de Gurupi; particularmente falando, fiquei com receio, porque o graffiti é bastante diferente de pinturas em papel, seja pelo suporte, seja pelo material nele empregados. O fato é que ao chegar à escola, conseguimos expressar nossa arte e contribuir com a estética do local. O desenho projetado nas paredes da biblioteca foi o de um trenzinho em movimento, para sua construção empregamos o uso do degradê, tornando algumas coisas mais homogêneas, uma vez que nem todas eram as cores corretas e a imagem não se tornaria mais próxima do “universo da criança”, como foi solicitado. Veja que na imagem utilizamos o dourado com o marrom, pois não havia a venda de sprays com outros tons marrons na cidade, conforme apresenta a figura 1.

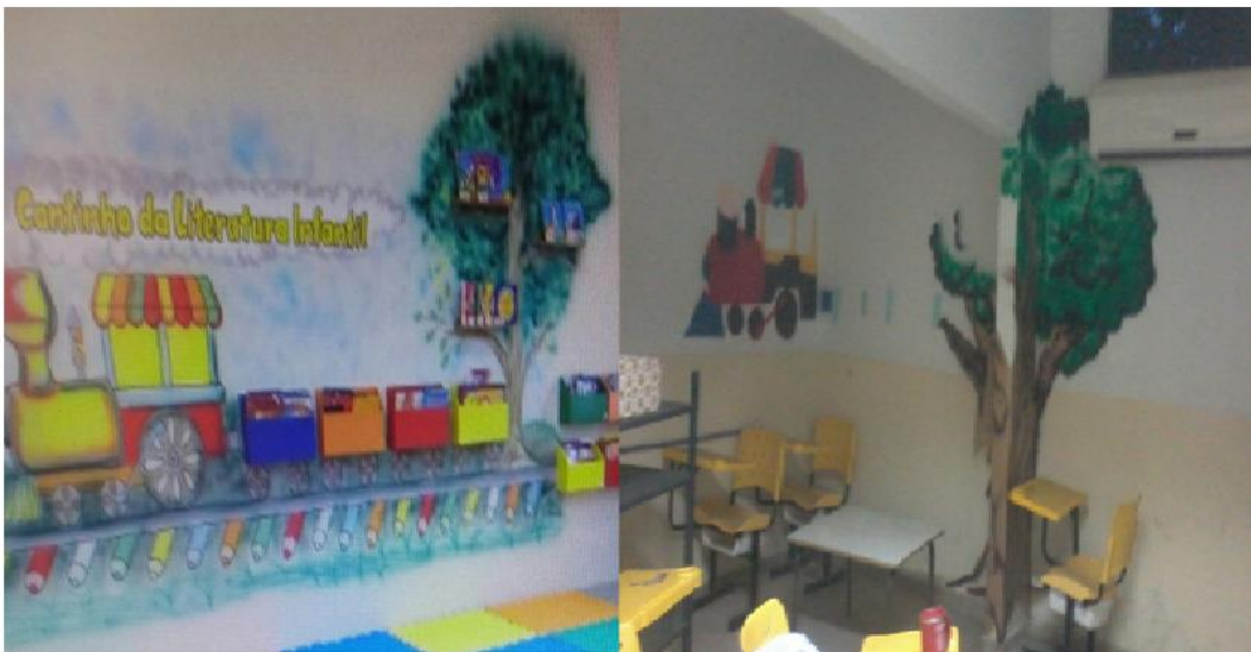


**Imagem 1:** à esquerda o *train* solicitado e a direita o processo de produção do pesquisador

**Fonte:** arquivo pessoal

Depois desse pequeno relato memorialista que ilustrou o processo de imersão do pesquisador no mundo das artes, faz-se necessário apresentar alguns conceitos teóricos acerca do grafite, abordando suas bases históricas, que o tornou cada vez mais atrativos a crianças, jovens e adultos.

## 2. O QUE É GRAFITE

O grafito é um estilo artístico que está presente na cultura hip hop, com indícios de sua presença de há muito tempo atrás, só que escrito sem maior intenção estética. O site Design Culture, que aborda temas sobre cultura, comunicação e ações criativas, traz a conceituação do que é seu significado: “Graffiti é uma palavra derivada de “Grafito” / “graffiato” que na língua italiana significa “arranhões”, se refere às escritas na parede que são realizadas desde o antes do império romano, nas grandes cidades da antiguidade” (TORRES, 2017)<sup>3</sup>. Esta conceituação se torna muito pertinente porque são desses arranhões que vão se tornando possível cada traço feito, utilizando do chuvisco e da proximidade do spray, técnicas muito eficazes que fazem recortes<sup>4</sup> junto a essas.

Em relação à história do grafite mundial, vale destacar que há um paralelo bem significativo com o que se faz no teatro de sombra com o uso da sombra, como explica Ganz (2010) “[...] ao formar silhuetas usando ossos furados para soprar pó colorido em volta das mãos, os primeiros homens também anteciparam a técnica do stêncil e do spray.” (GANZ, 2010. p. 8). De fato, isso é muito pertinente, tanto para quem vai iniciar uma literatura, quanto para alguém que, após isso, introduzirá essa arte em seu cotidiano como iniciante, pois além de ser uma cultura urbana, ela não se restringe àquele *nicho*. Em outras palavras, vários tipos de pessoas adentraram e enriqueceram o grafite, empregando alguns estilos que não estavam sendo trabalhados, algo que trouxe glamour às suas tribos e mostrou seus signos e peculiaridades estéticas de meios sociais distintos.

**O(Um)** fato interessante foi que, após o pixe entrar com o uso do spray, trouxe no meio cultural do hip hop nos Estados Unidos o anseio de trazê-lo às ruas com uma variedade estética enorme, incorporando assim ao tag (assinatura), que já era empregado na pichação, um novo olhar das pessoas, essa abordagem de signos trouxe sobre si a identidade do hip hop, que brevemente veio permitir aos jovens a possibilidade de adentrarem na em outros meios culturais,

---

<sup>3</sup> Acessado em <https://designculture.com.br/autor/marcos-torres>, em 2018-06-25.

<sup>4</sup> Recortar: fazer traço com spray virado para o lado de dentro do que quer o traço sem chuvisco. Assim sairá chuviscado para dentro.

como apresenta Ganz : “o hip hop, o punk” (GANZ, 2010. p. 9). De fato, foram se criando alguns elementos importantes para o crescimento dessa arte.

De certa forma no grafite havia um atrativo, pois além de ser reconhecido como a continuidade do que foi dito anteriormente sobre a pintura feita pelo homem da antiguidade, havia técnicas criadas para que sejam introduzidas em lugares que podiam ou não serem pintados, mas que foram pintados mesmo que de forma ilegal. Mas o crescimento do grafite se movimenta e o torna tão influente no processo de apropriação local em outros lugares após algumas visitas interestaduais, como explica Ganz (2010, p. 9) “nova-iorquinos visitavam outros lugares, [...] grafite espalhou-se por todo o país...”. Com esse processo de concessão de informações foi se alastrando para vários outros lugares até alcançar os lugares mais distantes.

Como essa arte assumiu seu papel como elemento visual do *hip hop*, os artistas foram ganhando lugar, sendo vistas as técnicas e particularidades das letras em assinaturas diferentes e desenhos com técnicas bidimensionais e tridimensionais, levando-os às “primeiras exposições em Amsterdam e Madri” (GANZ, 2010. p.9) onde “o grafite foi introduzido em quase todos os países” segundo (GANZ, 2010. p.9). Com isso foi estimulante a outros grafiteiros seguirem em frente utilizando a *pieces* (abreviação de *masterpiece*, “obra-prima”). Nesse sentido, foi possível ver que esta arte já havia sido inclusa em uma das formas artísticas criativas daquele momento.

O movimento hip hop nos Estados Unidos por volta de 1970, foi um dos fatores essenciais para que tudo isso acontecesse, pois entre os que faziam parte desse meio cultural consideram o grafite como um dos grandes pilares que o sustentavam. Sendo essa a linguagem visual que apresenta suas identidades culturais urbanas pelos muros, trens, caixas de água e outros lugares que apresentam superfície que tem aderência à sua tinta spray, giz, borrifadores e marcadores, vemos muito facilmente algo que introduz muito facilmente o jovem, e o jovem por si mesmo adentra na com muita facilidade, pois na adolescência se encontra em dúvidas, vontade de aceitação e outras coisas muito fortes nesse “universo” querendo gritar o que muitas vezes não pode dizer em seus cotidianos. Nesse contexto vemos que a chegada do grafite como elemento visual da cultura hip hop, após o piche que já havia se tornado identidade muito forte tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, que chega inicialmente com os jovens da cultura punk. No entanto não menos importante que o piche foi sendo introduzido o grafite, que será apresentado a seguir, expondo do primeiro elemento visual a ser considerado grafite nos Estados Unidos, logo após no texto apresentará sua chegada ao Brasil e peculiaridades.

## 2.1. GRAFITE NOS ESTADOS UNIDOS

O grafite é conhecido por ter iniciado nos Estados Unidos com a cultura hip hop. Por volta dos anos de 1970 alguns jovens que começaram a pichar ou já pichavam foram modificando e trazendo criatividade nos traços e fazendo sub-estilos, que variavam nas técnicas que foram aprimoradas ali mesmo, nas ruas, em estações de trens, dentre outros espaços onde havia seus eventos ou que faziam parte de seus bairros em Nova York, do Brooklyn ao Bronx, como explica a autora seguinte: “Em meados da década de 1960 que os jovens dos guetos norte-americanos começaram a pichar as paredes com seus nomes (...) o grafite norte americano ganhou novos estilos, delineando-se com letras quebradas e garrafais.” (ROCHA *et al.*, 2000, p.98).

Com base nessa explanação, entende-se tal processo como uma demarcação de espaço, parte ainda existente nos primórdios com o piche, quando havia apenas pichação e na verdade, era uma forma de dizer qual era sua área, muitas vezes representadas por gangues, grupos de dança ou até mesmo de pichação. Tanto na pichação quanto no grafite, quem cria um “*tag*”(assinatura), fará do lado de algumas imagens (caso dos graffiti) ou em seus graffiti (rabiscos assinados, presentes no grafite e pixe), porque grande parte desses estilos utiliza apenas essa assinatura.

A figura 2 ilustra o que foi abordado no parágrafo anterior, já que trata-se do tema **festa junina** que foi feito a partir do *wild style*: “estilo selvagem de grafite, letras complicadas, entrelaçadas, formas mais agressivas e ilegíveis.” (ROCHA *et al.*, 2000, p 147). Esse grafite ganhou um reconhecimento internacional pela adequação e nacionalidade no estilo, assim que divulgado por meio de redes sociais.



**Figura 2:**grafito com o tema festividades juninas

**Fonte:** arquivo pessoal

Esse estilo de arte visual urbana tem chamado muito a atenção de quem vê, mesmo que por televisões, internet ou até mesmo em videocliques de cantores famosos, tanto estadunidenses, quanto brasileiros. Pelo crescimento da cultura hip hop na nossa atualidade, houve também novas possibilidades de mais jovens se inserirem-se nesse meio cultural e trazerem o mais próximo da realidade que possamos imaginar.

Esse fazer artístico vem desde sempre trazendo estereótipos sobre si. Hoje em dia, a pichação tem características mais relacionadas à marginalidade, mas antes mesmo do Império Romano, já havia esse tipo de olhar, já que essa manifestação artística trazia informações e dados demarcadores, como comenta Torres (2017) “[...] desde aquela época o Graffiti já possuía um caráter transgressor, visto que muito do que era escrito estava arraigado a algum aspecto da cultura local, seja um protesto, uma denúncia ou uma paródia”<sup>5</sup>

Em outras palavras, percebe-se o quanto o grafite é uma arte reivindicatória e social, pois, ao mesmo tempo em que quebra, traz sobre si sua carga de aprendizado social. Certamente, por meio desse processo é que ao grafite foram incorporados novos elementos artísticos e uma nova

---

<sup>5</sup> Acessado em <https://designculture.com.br/autor/marcos-torres>, em 2018-06-25.

percepção de mudança nas escrituras, pois cada um carrega sobre si diferentes visões acerca do seu meio.

Desse modo, ao nos depararmos realmente com o verdadeiro significado do grafito, vemos que criamos barreiras que nos afastam de tais informações tão importantes, pois percebemos que a sua técnica podia ser explorada de diferentes formas; se hoje podemos utilizar o spray para nos expressar, no passado, as facas, as frutas ou, até mesmo, o sangue serviam de instrumento às antigas civilizações para o que era presente no meio em que viviam.

O grafito, assim como vários outros estilos de arte tem estereótipos, e pontos egocêntricos. Normalmente, a quem não conhece, sabe-se apenas que parece com a pichação, porque ambos são feitos com o uso do spray. A título de diferenciação, é válido destacar que o graffiti começou em bairros pobres de Nova York, o termo vem de uma expressão em língua inglesa, denominada de “Trow up/trowie” que traduzido, significa vômito ou vomitar. Só que não seria adequado a sua tradução, pois soaria estranho, linguisticamente falando, chegar para um *Toy*<sup>6</sup>(grafiteiro iniciante) e convidá-lo para vomitar em um muro.

O grafite surgiu com o mesmo ideal de expressar uma identidade como nas pinturas feitas na antiguidade, que no caso as identidades sociais de jovens de classes baixas, mas há a limitação e o preconceito a não poder fazer em determinado local por ligações dizendo que está havendo vandalismo. Porque é feito com o spray, material que é utilizado na pichação, e contradizendo-se, pois de um lado há a pichação e do outro lado as *pieces*(obra prima) e os *bombs*(grafite ilegal) como ditavam as regras nos primórdios dessa expressão. Portanto estavam sendo praticados os graffiti com as mesmas regras, tanto que fazer o *Trowie* e “grafitar em qualquer superfície algo rápido, pouco elaborado, com o uso de duas ou três cores.” (ROCHA *et al.*, 2000, p. 147). Esse estilo contradiz-se dentro do grafite que traz algo artístico, trazendo ao grafite essa via de mão dupla que apresenta certa fragilidade na sua base ideológica, pois apresenta algo que está arraigado que transgride também, o grafite “*vandal*” como chamamos, pelo fato de haver o ato vandalista. Se caso estiver experiência com redes sociais e for postar uma obra sendo de rua ou numa tela é legal cogitar o nome, pois isso tornará o artista e o trabalho mais conceituado naquela cultura. Tanto na pichação quanto no grafite há regras de como fazer, porque fazer, qual lugar,

---

<sup>6</sup> “Termo depreciado para um artista iniciante ou sem habilidade” (GANZ, 2010, p. 390); “brinquedo, “bafo”, o cara que se mete a ser escritor de grafite e não sabe o contexto da cultura hip hop.” (ROCHA *et al.*, 2000, p. 147)

etc. Essas regras estão muito presentes nos graffiti como se apresenta na fala de Ben Eine em uma entrevista concebida a um documentário sobre uma “guerra” entre o artista grafiteiro Banksy e Robbo, artista que utiliza da stêncil arte: “Usar estêncil é trapaça[...]É aquele lance antigo de grafiteiro: “Grafiteiros de verdade pintam trens, grafiteiros de verdade roubam as tintas, grafiteiros de verdade pintam à mão livre “e usar estêncil é uma trapaça”<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr\\_bg&t=2181s](https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr_bg&t=2181s). Acesso em Junho de 2018.

## 2.2 O GRAFITE NO BRASIL

O grafito começou nas ruas de São Paulo em 1970, após ser feito uma bota feminina em um muro. Segundo o que foi apresentado na escrita de “*A periferia grita*”, sobre essa chegada do grafite no Brasil, as autoras explicam: “Foi nas ruas do cais do porto de Santos, no estado de São Paulo, onde a prostituição proliferava que o artista encontrou inspiração para a personagem que virou sua marca registrada.” (ROCHA *et al.*, 2000, p.98). As autoras prosseguem apontando que o referido desenho no muro ganhou, após isso, “uma exposição no Museu da Imagem e do Som (MIS) em 1999, este também, logo após divulgar o estilo *spray can art* (grafite feito à mão livre com tinta spray), que foi reconhecido oficialmente pela prefeitura de 1989 a 1992”. (ROCHA *et al.*, 2000, p.98). Diferentemente daquela época, hoje os graffiti são mais fortes como arte e meio de pintura elaborada, porém são empregados na pintura borrifadores de inseticidas, extintores, compressores, uma variedade de materiais que faz com que a tinta que for preciso para a determinada superfície a seja pintada com qualidade e possam ser desenvolvidos os trabalhos.

O que se teve de indícios com spray foi isso, mas havia outros tipos anteriormente, como citado pela autora, que fala sobre a influência de Alex Vaullari no grafite de São Paulo: “Ele divulgou a arte do *spray can art* (grafite feito à mão livre com tinta spray). Antes existia apenas o grafite stencil art. Vallauri era de classe média e tinha acesso ao spray.” (ROCHA *et al.*, 2000, p. 99). Esse caso é muito recorrente, pois pelo valor do spray, muitas vezes o grafiteiro deve buscar outros meios de fazer sua arte. De fato, ainda hoje é muito difícil fazer uma grande obra, porque um grafito ficaria de cem reais para cima, tornando isso inacessível para quem não consegue comprar sprays para começar treinar suas técnicas. Em contrapartida, há muitas outras formas que podem ser aderidas para fazer essa prática artística, já que nesta podemos desenvolver técnicas e reproduzir imagens, também podemos trabalhar com as técnicas em pinturas, isso traz facilidade, proporcionando aos artistas formas de reconhecimento.

Nesse processo, foram crescendo as práticas de grafitagem em São Paulo, foram sendo vistas e desenvolvidas em outros locais. Um fato significativo é que essa arte também começou a ser patrocinada pelas gestões municipais de muitas cidades, levando muitos desses grafiteiros brasileiros, hoje em dia, a ter reconhecimento a nível mundial. Entre os nomes mais cogitados são Os Gêmeos, que criaram personagens que são conhecidos em qualquer lugar (mundialmente), por

suas peculiaridades visuais, além de muitos grafiteiros como: Binho, Eduardo Kobra, Mena, Nilo Zack. No que diz respeito às mulheres, percebe-se que a participação delas ainda é tímida, tendo sua maior representatividade em grafiteiras como Bolinho.

Em termos econômicos, observa-se que o grafite no Brasil vem se expandindo como arte de rua e isso tem levado empresas a investirem cada vez mais na comercialização de materiais específicos para produção desses desenhos, a saber: sprays, bicos, bombas entre outros produtos.<sup>8</sup>

Hoje em dia, o grafito é muito cogitado nos muros, em galerias por ser considerado um fazer artístico de grande apreciação pública; um artista que tem se destacado nesse cenário é Nilo Zack cujo trabalho realista em telas de quadros, os quais têm sido muito aceitos pela crítica especializada. O trabalho de Zack emprega um método divertido e didático que mistura realidade.

No Brasil o grafito se encontra em época de inovações, tendo bastante representatividade nas bienais de *fine art* proporcionadas ou nos eventos nacionais de grafite. Todos esses fatores fizeram com que acontecesse o entrelace da nacionalidade estética com todas essas técnicas que fizeram do grafito algo mundial. “[...] Hoje temos uma cultura que se expandiu: novas formas são exploradas, e personagens, símbolos e abstrações começam a proliferar”. (GANZ, 2010, p.7) Essa grande variedade fez com que o grafito se tornasse cada vez mais atual no universo dos jovens, principalmente com a chegada do movimento “hip hop, o punk e a internet, já que por meio desses novos meios, criaram-se as *tribos*, distinguindo cada grupo, mistificando o que cada um desses grupos tem em seu “universo particular”” (GANZ, 2010, p.7).

Nesse respeito, Constantino Isidoro Filho (2011) nos relata sobre essa efetivação no espaço dos jovens... “O campo da juventude também tem na rua o seu principal espaço de conformação e definição. Os modos de pensar, de entender o mundo e de agir dos jovens se produzem com base em elementos relacionados a sua posição na sociedade.” (FILHO, 2011, p. 24). Estes contextos culturais delineando suas realidades significou muito ao hip hop, pois os

---

<sup>8</sup> Para exemplificar, em 2013, uma famosa marca de tinta ( Colorgin) desenvolveu uma coleção de tinta sprays voltadas para arte urbana, sendo a primeira tinta spray nacional do mercado. A referida empresa realizou um evento com vários grafiteiros para testarem e desenvolverem sua arte na *Sherwin Williams* (desenvolvedora dos produtos colorgin), sendo hoje a linha Arte Urbana uma das melhores marcas atualmente, e que inclusive, vem patrocinando vários grafiteiros em sorteios e incentivando a arte .

piches e personagens foram algo que marcaram tanto a cultura hip hop quanto o movimento punk.

Esse utilizar artístico cada vez mais trouxe e traz vida ao hip hop, pois nos vários estilos desse ritmo, dificilmente um grafiteiro sai de um estilo ou desenvolve mais de cinco ou mais. Com essa miscigenação de *tribos* houve uma abertura que ganhou maior amplitude a partir da universalização gigantesca proporcionada pela internet, que expõe, através de vlogs, tutorias a utilização de quase todos os estilos do grafito.

Enquanto pesquisador do estilo torna-se necessário conhecer vários desses estilos para fins de tornar a prática mais completa. A maior familiaridade fica mesmo por conta do *bubble style*. Sobre os estilos de grafiteagem, vale diferenciar:

Para Ganz:

“[O bubble Style foi] um dos primeiros estilos de caligrafia, desenvolvido em Nova York, cujas letras são de aparência arredondada, parecendo nuvens ou bolhas[...] Já o *throw-up/throwie*: letras simples, geralmente com um contorno ou com preenchimento de uma só cor; pintadas quase sempre de forma rápida[...] *wild style*: construção bem complexa de letras entrelaçadas[...]” (GANZ, 2010, p. 390),

Outro estilo que é destaca são as *pieces*: “pedaço, ‘trampo’, uma letra ou personagem, bem pintado, com boa elaboração e contexto. Geralmente refere-se a um grafite feito em uma área pequena”. (ROCHA *et al.*, 2000, p.145).

Na sequência serão mostrados exemplos desses estilos em desenvolvimento pelo pesquisador, cuja assinatura/tag é *Son of Man*, que significa filho do homem.



**Figura 3:** estilo *bubble*

**Fonte:** arquivo pessoal.

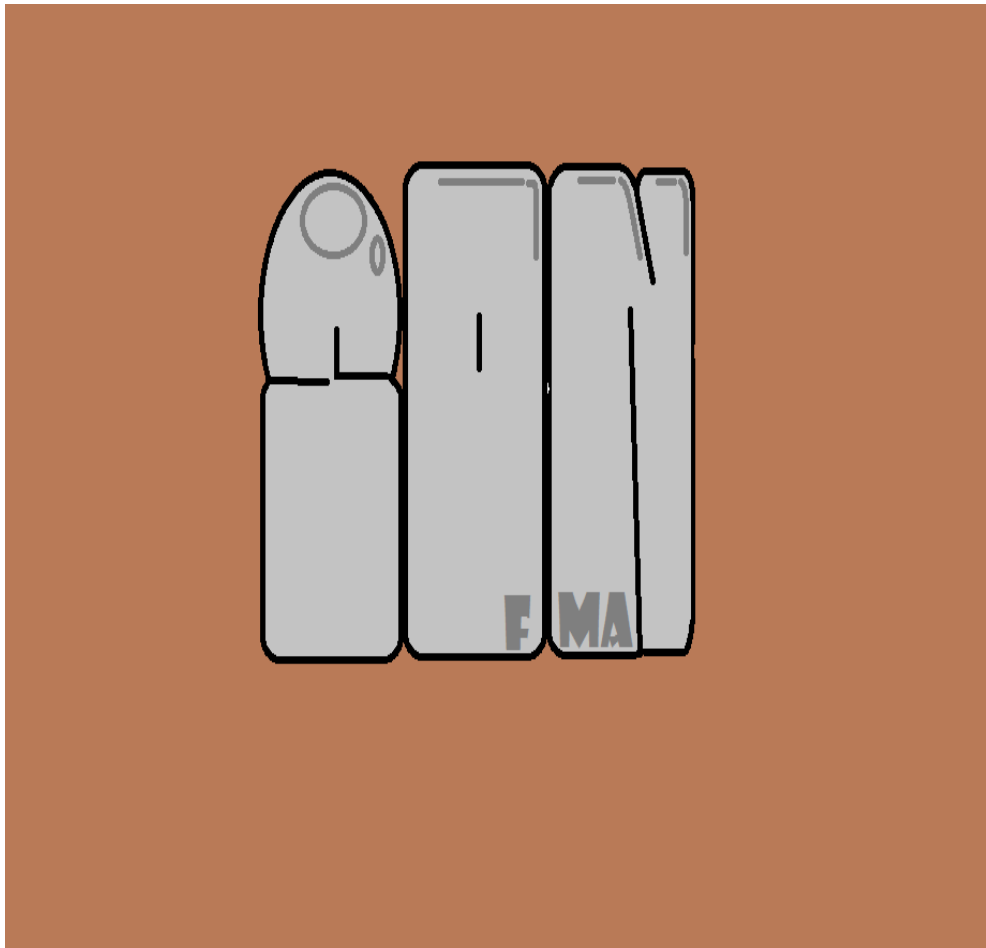


Figura 4: estilo *trow up/trowie* (feito no paint).

Fonte: arquivo pessoal.



Figura 6: estilo *piece*

Fonte: arquivo pessoal

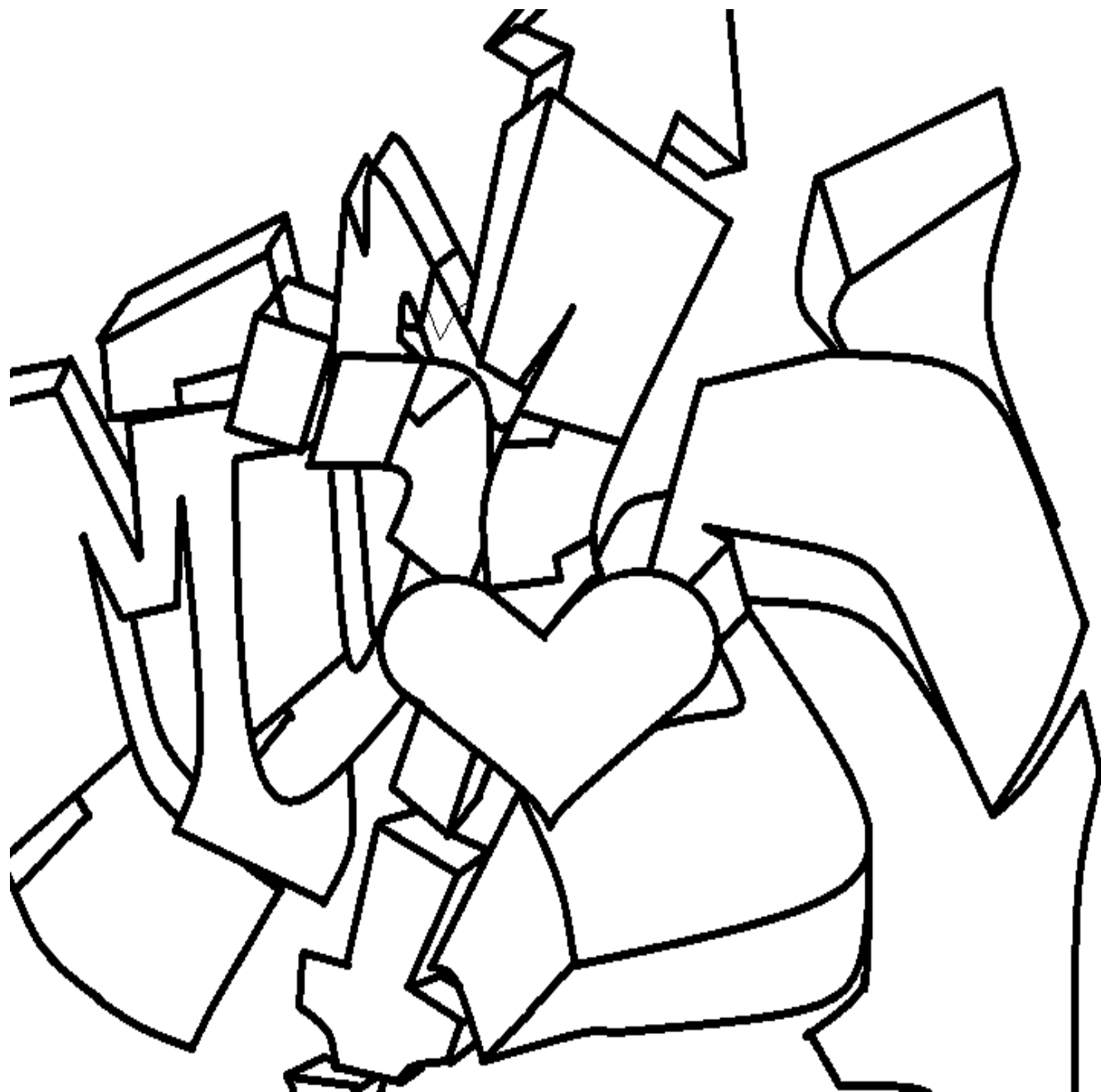


Figura 5: *wild 'style'* (estilo selvagem).

Fonte: Arquivo pessoal.

O processo de criação sempre foi de grande importância em minha carreira, mesmo sendo um artista de rua... Este paradigma criado em nós mesmos nos torna frágeis como artistas, por as vezes não levarmos a sério nossa arte como instrumento pedagógico para formular práticas docentes. O próximo capítulo irá nos apresentar como fizemos esta prática, nos conduzindo a

essa forma metodológica e após isso veremos como foi a prática dessa juntamente com o conteúdo.

### **3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A presente pesquisa busca articular a arte do grafite com uma metodologia de ensino à Língua Portuguesa, mas também a outras disciplinas do currículo escolar, mostrando aos estudantes do Centro de Ensino Médio de Gurupi como se desenvolve essa arte e como ela permite uma diversidade de leituras e prazer estético. Ao longo dessa seção intenciona-se apresentar o método de estudo empregado na realização dessa pesquisa, discutindo a abordagem utilizada e descrevendo o contexto da investigação, como os participantes e o objeto de pesquisa. Além disso, apresentamos e discutimos os instrumentos de obtenção de dados.

#### **3.1. PESQUISA DE CAMPO**

Na pesquisa realizada no Centro de Ensino Médio de Gurupi, trabalhamos com alunos de várias turmas diferentes dos primeiros anos que tem a prática com o desenho. Nesta houve a prática da criação de imagens após as leituras de textos do livro *Tribo Cara Baixa* e reflexões sobre os diálogos sobre o que foi visto, e foram feitas as imagens que colocaríamos em prática na parede. Após as leituras ainda em sala e dos desenhos feitos à mão, utilizei de aulas teóricas para que os alunos se adentrassem nas práticas da pintura convencional com rolo e pincéis, utilizando tinta acrílica e esmalte a base de solvente, e o grafite mais tradicional com o uso da tinta spray. Ao finalizar estas aulas começamos a desenvolver os desenhos em maior tamanho nos muros, como será apresentada na próxima figura. Os desenhos eram relacionados a questões lidas no livro e apontamentos sobre a leitura, e o livro fala sobre o uso excessivo do celular e nos mostra um pouco sobre esse excesso de tecnologias em nosso cotidiano.



**Figura 7:** instagram jovens despedindo da escola

**Fonte:** Arquivo pessoal, autorizada pelas jovens.

### 3.2. PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa de caráter qualitativo se tratou de uma inserção de uma cultura de rua na escola, como precursor dos bens morais da escola. O diretor João Rosado solicitou que, para as aulas iniciarem deveria haver algumas oficinas explicando o *grafite* e *pichação* e para esta investigação dessas culturas. Houve as oficinas explicando a diferença e a exemplificação das diferenças estéticas destas, tornando as distintas, tanto esteticamente quanto na aceitabilidade dessas. Esta se caracterizou como etnografia e observação participante, pois tive que ter certa observação dos alunos como um todo em seu local de estudo, utilizando das duas para lidar diretamente com estes consumidores da arte ali sendo ensinada e a busca de ferramentas metodológicas para incentivá-los e instruir sem que haja quebra do que foi relatado em termo de instigar a aguçar sua criatividade.

### 3.3.O CONTEXTO

A presente pesquisa surgiu durante as ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência. Nesse área que formulei minha pesquisa, basicamente foi o que houve em minha atuação após a entrada no programa, e lá foi onde eu atuei em sala ministrando aulas e oficinas práticas sobre a aplicação da tinta. O fim desta prática a professora orientadora supervisora da escola campo Wânia Pimentel Leite e eu decidimos ministrar apenas oficinas ao ar livre no pátio da escola. Mas haviam encontros semanais para discutirmos sempre como estava sendo as práticas na escola, sendo todos nós orientados pelos Coordenadores de área do PIBID, os professores Brenno Jadvas Soares Ferreira e Solange Cavalcante de Matos.

Todo esse trabalho foi realizado de uma forma muito minuciosa, caracterizando a metodologia como etnográfica e observadora participante, pois alguns dos alunos não eram desenhistas, e foram colocados simplesmente por não serem bem recebidos em sala, pois eram os piores alunos em que aspecto?, nisso foram colocados em meio os outros por não haver certo contato com os outros que não faziam parte do projeto.

Com esse contato forçado os alunos já chegavam desmotivados, mas com as aulas fora de sala começaram a gostar, nisso comecei a ter divergências, ou seja, me instigando a pesquisar um pouco também, instigando-me a ter certo cuidado, pois como professor temos que nos resguardar de certos tipos de contato para não haver alguns tipos de situação que não serão agradáveis. Um exemplo citado acima na pesquisa foi um desses, enquanto um desses alunos não conseguiu adequar-se e pichou um muro da escola ao lado de onde estávamos ministrando a oficina. Como professor que fazia parte daquele momento me colocando no mesmo lugar e sendo atuante dei mais oportunidades a eles claro, mas me fazendo sempre presentes na realização das imagens, e neste contratempo apresentaram ao(s) aluno(s) a apresentação de qual problema que há no pichar o espaço que não é só de um indivíduo e necessariamente houve também um pouco sobre indagações sobre denegrir e forçar o outro a conviver com algo ‘seu’ forçado a isto. Neste diálogo houve um fato muito recorrente em quase todos os membros da cultura hip hop que também havia em minha mente, o fato de – os ricos terem mais que nós (os ‘pobres’), nisso alguns jovens manifestam essa indignação perante a “distribuição econômica” da sociedade. Isso me causa hoje em dia um grande espanto, pois sabemos que não há distribuição, mas há sim, a busca por objetivos e a conquista.

Para Rocha:

“A etnografia e a observação participante também são duas formas bastante recorrentes na coleta de dados. Na primeira, ocorre uma observação do consumidor no seu ambiente natural. Na segunda, o pesquisador também interage com ele.” (ROCHA, 2013) <sup>9</sup>

Com esse relato veremos que esse processo metodológico esteve presente nos procedimentos que esta foi desencadeando-se, e também verão que certos pontos foram essenciais para o desenvolver do processo de planejamento da aula. Identificando o quão importante se torna a pesquisa para o acadêmico que terá como responsabilidade planejar e

---

<sup>9</sup> Disponível em < <https://klickpages.com.br/blog/o-que-e-pesquisa-qualitativa/> >, acessado em 02-08-2018 as 22: 20.

organizar todos os fatores de problemáticas que virão a se apresentar durante as atividades em sala como professor.

### **3.4. O PIBID E SUAS POSSIBILIDADES**

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência é uma possibilidade de aperfeiçoamento nas metodologias de trabalho, tem como ideal incentivar a formação de docentes de nível superior e elevar a qualidade da formação. Esse programa dá possibilidades aos discentes de licenciatura terem melhor contato com a sala de aula, por meio de reflexões teóricas mediadas pelos sendo que supervisores e coordenadores em encontros semanais. Ações dessa natureza que ocorrem no PIBID possibilitam maiores contatos com realidades diferentes e aplicações de metodologias que trarão aos futuros docentes possibilidades pedagógicas significativas, especialmente em meio às situações caóticas em que se encontram as escolas públicas brasileiras.

Este programa do MEC/CAPES faz parte da Política Nacional de Formação de Professores e é realizado em instituições estaduais e federais que possuem cursos superiores com boa avaliação pelo Sinaes - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior. Além de auxiliar no aprendizado desses futuros professores, que estão cursando em instituições públicas, também há um incentivo financeiro de R\$400,00 aos acadêmicos, e as instituições são conveniadas por meio de projetos apresentados à Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, sendo possível se candidatar instituições em públicas ou privadas precisando apenas atender aos requisitos requeridos nos editais de seleção.

Nesse contexto, o PIBID desenvolvido no curso de Licenciatura em Artes Cênicas no Instituto Federal do Tocantins – *Campus Gurupi* realizou o subprojeto “Encenando o texto e outras imagens” teve como base oficinas, aulas práticas e teóricas acerca do que os discentes já estudam em seus currículos artísticos, tanto no curso superior quanto em cursos de aperfeiçoamento na área afim. e/ou fora instituição.

É bom destacar que ao longo do projeto, sempre houve liberdade para que cada discente realizasse um projeto tendo como base alguma habilidade artística explorada no curso de Artes Cênicas. O desafio maior era fazer isso a partir de um projeto interdisciplinar com a língua portuguesa, algo que nos forçou a buscar formas para utilizar a interdisciplinaridade de uma linguagem com a outra sem afetar o cronograma estipulado pela escola campo e consequentemente, o aprendizado dos alunos.

Na matéria de língua portuguesa tínhamos como vínculo a literatura, nessa literatura sempre utilizávamos o material que era utilizado nas aulas para que os alunos se interessarem mais com o conteúdo aplicado em sala e entenderem mais sobre os livros estudados, e utilizamos o livro “Tribo cara baixa” de Deusimar Pires, escritor local, fato que enriqueceu em nossa pesquisa para a valorização literária e artística local. Como o curso é voltado ao teatro, a proposta desenvolvida buscou trazer o universo de uma peça aos estudantes. O grafite, nesse sentido, funcionou como instrumento para que se criassem a imagem de tudo que irá ocorrer na apresentação teatral, como cenário, vestimentas, perfis de personagens etc.

### **3.5. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS**

Qualquer tipo de investigação que explore o universo escolar exige uma série de instrumentos, pois caso contrário, a pesquisa padecerá de uma superficialidade negativa ao trabalho. De modo que, os instrumentos de coleta precisam contribuir para responder aos objetivos delineados no trabalho.

No entanto, os instrumentos de coleta escolhidas para essa pesquisa foram: diálogos, planos de aula, notas de observação, projeto de intervenção, dialogando entre si.

#### 4. PROCESSO DE CRIAÇÃO

Em todas as aulas de realização do projeto, as atividades seguiram o seguinte cronograma: na primeira semana de experiência, foi realizada a primeira leitura do livro em sala em primeiro momento, e após isso se tornou uma necessidade dividir aulas em dois momentos: de 14h às 15h da tarde, para diálogos sobre o livro, e das 15h as 16h e daí em diante o final até as quatro, para a produção de imagens com releituras do livro.

Ao longo desse processo, foi averiguado que houve reflexões e leituras o suficiente para produzir as imagens. Para tanto, ministrei uma oficina de técnicas de pintura e grafite que pré-requisito para que fossem possíveis a realização das imagens pelos alunos, até porque, os alunos não conhecem a distinção entre grafite e pichação, um conceito básico que precisa ser explanado aos alunos para evitar equívocos no trabalho artístico proposto. .

Antes de prosseguir com a descrição do processo de criação, convém citar GITAHY (2012), quando pontua: “[...] diferenças entre o grafite e a pichação é que o primeiro advém das artes plásticas e o segundo da escrita com tipologias gráficas próprias... grafite privilegia a imagem; a pichação, a palavra e/ou a letra.” (GITAHY, 2012, p. 19) Mesmo havendo tantas reportagens, filmes, novelas, estão apenas apresentando o trabalho final, mas não estão mostrando a diferença e especificidades de cada um destes, por mais que haja uma exclusividade em cada um dos meios expressivos.

Voltando à descrição da aula, a professora de português solicitou um trabalho de releitura da obra com grafite. Com isso, foi introduzida à turma a importância das letras, pois os alunos podem trabalhar como *letreiros*<sup>10</sup> possibilitando os a introdução no mercado de trabalho, e como numa das solicitações a professora pediu o nome da obra, nos possibilitou utilizar essa técnica. A imagem a seguir mostra letras desenvolvidas por eles buscando a movimentação delas com o

---

<sup>10</sup> Letreiro: Pintor que reproduz frases ou palavras com diversas formas de fontes em estabelecimentos comerciais ou não.

efeito usado normalmente por letreiros no uso da luz (no corpo à frente) e sombra (na sombra ou no corpo da letra que se encontra no lado)



Imagem registrada pelo pesquisador 1

**Fonte:** arquivo pessoal

Essas letras na imagem foram feitas com o uso do spray em um local em que os alunos em geral ficam aglomerados conversando entre si, após fazer o fundo de tinta à base de água. As oficinas de grafiteagem e pintura foram divididas também em dois momentos, o de apresentação de objetos de trabalho e suas funcionalidades e o de prática, na qual foram acontecendo os momentos de produção dos desenhos. Por meio dessa atividade eles perceberam o quanto era difícil dispor grandes mudanças de tamanho em uma mesma imagem. Após as considerações serão expostas as imagens dos trabalhos realizados pelos alunos com as respectivas explicações de como foram feitas estas.



**Figura 8:** esboço de máscara de solda e luminosidade

**Fonte:** arquivo pessoal

A próxima imagem irá apresentar o que se tornou a imagem anterior, o fato é que, as mesmas cores que foram feitas na folha não eram as que tínhamos no momento. No entanto, utilizamos outras cores, tornando esta imagem maior e introduzindo elementos do grafite, esse grafite foi possível depois que tivemos o diálogo sobre problemas na visão que temos após o uso do celular no escuro.

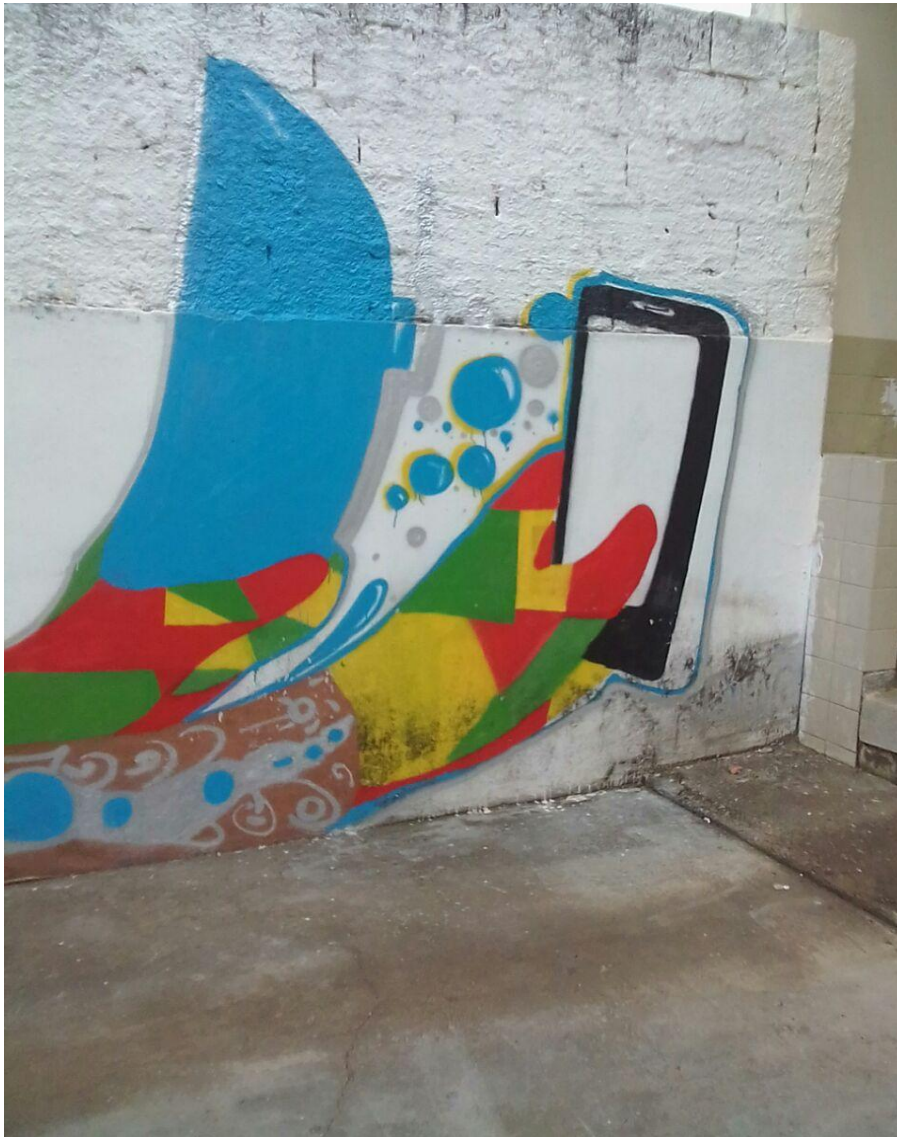


**Figura 9:** grafite máscara de solda e luminosidade  
**Fonte:** arquivo pessoal

Nos diálogos houve muitas falas que apontaram o capitalismo, e uso desenfreado sem necessidade do celular. Mas como eram conversas bem abertas, um dos alunos trouxe a ideia de colocarmos releituras e dei a sugestão de personagens da *turma do Chaves*, o Nhonho que tem algo disso mais presentes. Com isso foi concluído que faríamos isso e algo do tipo intrigante aos visualizadores desse trabalho, após ver que as silhuetas desse personagem eram muito específicas, seria algo que poderíamos introduzir algo a mais, daí surgiu à ideia de colocarmos um emoticon no lugar da sua face segurando uma folha com o rosto do autor do livro, pois este personagem da *turma do Chaves* também é conhecido por ser inteligente. Depois dessa imagem terá a imagem do Chaves, personagem mais brincalhão próximo a um texto que questiona onde está a graça no tempo utilizado em nossos cotidianos.



**Figura 10:** Nhonho emoticon

**Fonte:** arquivo pessoal



**Figura 11:** donde está la gracia en su tiempo  
**Fonte;** arquivo pessoal

A imagem seguinte foi criada pela aluna Joice, esta aluna se propôs a fazer essa piece (obra prima) em banco da escola, enquanto isso treinava o uso de spray junto à pintura com pincel. Pois foram as ferramentas que ela mais se identificou, sendo assim fez essa imagem sem os rostos e segurando seus celulares, tendo um animal em mãos, afastando-se da socialização entre si.



**Figura 12:** celulares em mãos  
**Fonte:** arquivo pessoal

A próxima imagem foi criada para o processo final da oficina de dança da acadêmica do curso de Licenciatura em Artes Cênicas e também bolsista do PIBID Claudenira, como foi uma possibilidade de realizar algo como forma de fazer um trabalho como profissionais, queria que pudessem fazer só, mas infelizmente a solicitação da colega de projeto foi muito próxima do dia eles não puderam, pois estavam em sala enquanto tive tempo para realizar a pintura solicitada.



**Figura 13:** tambores

**Fonte:** arquivo pessoal

Essas imagens fazem parte do processo de criação na escola, mas são apenas do momento em que estávamos fazendo, portanto não são as imagens finais. O grafite em si é muito aceito como “arte”, e em nosso caso, tivemos que mostrar qual a parte da aceitação e o porque da não aceitação em outros lugares. No entanto foi muito prazeroso para mim, tanto quanto docente como artista, pois consegui ver aspectos realmente importantes para trabalhar em mim mesmo enquanto educador, em como trabalhar minuciosamente em como planejar o conteúdo que devo levar ao aluno para que não deixe que atribua ao conhecimento destes algo sem conhecimento ético, ou seja, sempre adequar e averiguar os conteúdos para trazer a minhas aulas valores sociais instigando-os a atuarem na sociedade como seres que devem respeitar a regras e o direito do outro como um ser igual a si mesmo.

Com isso só sobrou eu no projeto, e finalizei as imagens como o diretor solicitou após ver que vários pais que não frequentavam a escola estavam indo frequentemente todas as quartas para ver enquanto eu praticava aquele tipo de arte, pois na cidade não era muito vistas essas práticas realizadas com a tinta spray. Fato intrigante a mim, pois como pesquisador deveria obter algum resultado. Houve um resultado, pois ao ver que isso se tornou um problema para mim como professor, comecei a estudar sobre outras metodologias de aplicação de conteúdos, sem que sejam muito fechadas, claro.

Mas vejo que entrei em sala de certa forma inseguro, coisa que torna um professor vulnerável, porque além do aluno estar querendo fugir de suas obrigações, devemos os atrair cada vez mais trazendo à nossa metodologia e introduzi-los no processo de aprendizado com o que temos como ferramentas de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho foi discutido o impacto que a imposição sobre a criatividade traz sobre um futuro artista. A presente pesquisa tomou como ponto de partida a necessidade de averiguar o que isso causava no universo artístico e criativo de uma pessoa.

O prazer, a vontade de reproduzir o universo emocional são características que levam alguém a enveredar pelo mundo artístico e o trabalho aqui delineado tinha como principal intencionalidade ajudar jovens que vivem em realidades marginalizadas a usar o grafite como forma de expressão artística, pois alguns desses já tiveram contato até mesmo com a detenção, alguns a ausência do convívio com os pais, e enfatizo a busca demonstração do conhecimento da criatividade desses alunos, pois foram muito proveitosas todas as aulas.

O intuito da atividade na escola também foi o de fazer com que a arte de rua adentrasse uma institucionalização de ensino, para o diretor essa arte deve entrar, mas com determinada determinação perante os conteúdos abordados. Isso me fez ver algo realmente importante, que foi apresentar uma arte “marginalizada” ultrapassando muralhas dos estigmas criados dia a dia, nem de ela se sobrepôr ao piche, pois ambas são muito parecidas, quero levar em consideração o aspecto da conversa com os alunos após um deles praticar o ato de denegrir um espaço escolar.

Vejo que é muito importante planejar minuciosamente a organização de toda a inserção da arte, pois esta traz muitas coisas sobre culturas diferentes, então, devemos saber trabalhar a organização muito bem para que a aula não chegue como uma “criação de última hora” que demonstre falta de empenho, que não foi o caso, mas entendo que alguns momentos por ser algo que deve ser de dentro pra fora, não teve certas bases tradicionais. Fato interessante é de que me vejo em um choque de ideias, pois como artista não acredito que a arte não é algo que se ensine, talvez até possamos fazer o papel de instigar o aluno a pensar qual papel desenvolver na arte, mas o de ser o criador de novas ideias, ou como chamamos – ser criativo. Não podemos moldar, porque isso é algo muito profundo e poderíamos estar forçando apenas a uma repetição de algo ou reprodução. Esse modo de pensar me traz algumas indagações muito cruciais para a forma do cuidado que devemos cuidar do outro, isso me trouxe certas inquietações e lhe faço a pergunta, que é referente à arte de rua: e a arte fosse proibida de agir na escola, ela acabaria, ou voltava pra rua?

## 7. REFERÊNCIAS

GANZ, N. **O mundo do grafite**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo, 2010.

GITAHY, C. **O que é graffiti**. São Paulo: editora brasiliense, 2012.

ROCHA, J. *et al.* (2000). **A periferia grita**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

ISODA, G. **Sobre desenho: estudo teórico-visual**. – São Paulo(editora), 2013.

## LINKS PESQUISADOS

TORRES, M. (17 de 07 de 2017). **Design Culture**. Acesso em 10 de 03 de 2018, disponível em: <https://designculture.com.br/a-diferenca-entre-street-art-e-graffiti>.

## Vídeos Pesquisados

**Graffiti Wars Legendado**. Entrevista com Ben Eine. 10:28 – 10:56. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr\\_bg&t=2181s](https://www.youtube.com/watch?v=bPanruXr_bg&t=2181s). Acesso em Junho de 2018.